

O CANTO COMO FERRAMENTA NO APRENDIZADO DA PRONÚNCIA DO PORTUGUÊS FALADO NO BRASIL

Jeanne Rocha (UNILA)
jeanne.rocha@unila.edu.br

RESUMO

Este trabalho tem como objetivo relatar a experiência e apresentar dados do primeiro semestre da ação de extensão que se desenvolve no Curso de Graduação em Música da Universidade Federal da Integração Latino-Americana (UNILA), em que participaram alunos de outros cursos de graduação e pós-graduação desta instituição e pessoas da comunidade externa, todos hispanofalantes, oriundos de quatro países da América do Sul. O projeto propõe acolher estrangeiros que vivem no entorno de Foz do Iguaçu, Paraná, inseri-los ao convívio social, auxiliando-os na comunicação em português, amenizando o impacto da convivência em ambiente multicultural e linguístico, como é o caso da UNILA, na tríplice fronteira Brasil-Argentina-Paraguai. Numa abordagem interdisciplinar entre música e linguística aplicada toma-se o canto e a fonética como ferramentas neste processo de ensino-aprendizagem de línguas, costumes e culturas destes povos. Ao longo da ação, foram estudados os sons fonéticos do português brasileiro e do espanhol falado na América Latina, aplicando o Alfabeto Fonético Internacional e elementos de fonética articulatória, observando as principais características que distinguem estas línguas coirmãs. Também foram aplicadas técnicas vocais, como, relaxamento e alongamento corporal, treinamento da emissão vocal com foco no apoio respiratório, a percepção da afinação e do ritmo musical, a dicção de sons fonéticos do texto cantado, tudo isso praticado em repertórios nacionais mais conhecidos na Hispano-América, em parte, escolhidos pelos participantes. Com base em Luciene Bassols Brisolará (2016), Thais Cristófaró Silva (2010; 2011) e Jeanne Maria Gomes da Rocha (2013), os dados vêm da análise da pronúncia de “Minha Canção”, versão brasileira adaptada pelo compositor Chico Buarque.

Palavras-chave: Canto. Fonética. PB para Hispanofalantes.

1. Introdução

O canto se constitui de sons fonéticos do texto (poesia) e de sons musicais da linha melódica (música), ambos carregados de significados intrínsecos a duas áreas do conhecimento: linguística e música. Desta forma, seu estudo implica também o estudo de idiomas, do ponto de vista semântico para a compreensão do texto na interpretação, e fonético para a habilidade na pronúncia da língua a ser cantada. Um curso de canto, em nível técnico ou superior, conta com estudos de repertórios em línguas diversas, embora não sendo um falante destas línguas, o cantor executa repertórios estrangeiros valendo-se do estudo da pronúncia de sons fonéticos pertinentes a cada língua. Na formação acadêmica, tal aprendizado ocorre durante as aulas do instrumento (canto) e, mais especificamente, na disciplina dicção – componente curricular presente nestes cursos, geralmente aplicado por professor de canto (ROCHA, 2013).

Thais Cristófaros Silva (2011, p. 110) define Fonética como “uma disciplina da linguística que apresenta os métodos para descrição, classificação e transcrição dos sons da fala, principalmente aqueles utilizados na linguagem humana”. Com base nestes métodos podemos afirmar que cada vez mais a Fonética tem sido uma ferramenta de êxito no processo de ensino-aprendizagem da pronúncia de línguas de repertórios estudados em cursos de canto (LABOUFF, 2007; MONTGOMERY, 2013; MORIARTY, 1975; ROCHA, 2012).

Marcela Ortiz Pagoto de Souza (2009, p. 34) considera que o início sistemático do estudo da pronúncia se estabeleceu apenas no início do século XX, e que o campo de ensino de línguas desenvolveu duas abordagens gerais para o ensino da pronúncia, entre elas a abordagem linguístico-analítica (*analytic-linguistic approach*), que utiliza informações e ferramentas tais como o alfabeto fonético, descrições articulatórias para melhor percepção das habilidades orais (*listening e speaking*) e imitação. Os principais conteúdos desta abordagem são: a Fonética Articulatória, o alfabeto fonético internacional (AFI)¹ e a transcrição fonética. Marcela Ortiz Pagoto de Souza defende que, nesta abordagem, a compreensão de

¹ Utilizamos nomenclatura em português para o International Phonetic Alphabet (IPA).

descrições articulatórias favorece o aprendizado da pronúncia, uma vez que, o aprendiz passa a conhecer e saber praticar o movimento certo dos articuladores em seus modos e pontos de articulação, com maior consciência da corrente de ar no processo fonatório; e que o conhecimento e aplicação de um alfabeto fonético favorece em cursos de Fonética no que se refere ao ensino de como os sons do discurso são transcritos ou escritos. Segundo ela, no início dos estudos o aprendiz tem como único o sistema sonoro, com uma tendência natural de transportar os hábitos linguísticos de sua língua materna na aprendizagem de outra língua. Todavia, ao aprender a fonética, passa a perceber a realização sonora de elementos fonológicos característicos de outras línguas, com menor transferência ou interferência da língua materna, porque associa o que fala ou ouve aos sons aprendidos no alfabeto fonético.

É com base nestes pressupostos que fundamentamos nossos estudos e materiais didáticos para aulas de dicção em cursos de canto, e agora, também aplicamos esta abordagem no processo de ensino-aprendizagem da pronúncia da língua brasileira a hispanofalantes alunos de outras áreas da UNILA, e à comunidade do entorno desta tríplice fronteira, com o objetivo de contribuir para sua integração social.

2. O processo ensino-aprendizagem

Os participantes do projeto de extensão em questão têm entre seis e sessenta anos, originados de Argentina, Colômbia, Paraguai e Venezuela, considerando uma criança de seis anos, filho de uma participante. Foram quatro alunos da pós-graduação, três da graduação e três da comunidade externa. A ação aconteceu no curso de música da UNILA, de março a julho de 2017, durante quinze semanas, com trinta horas de atividades.

Nas primeiras semanas, em aulas teóricas e práticas foram apresentados conteúdos de fonética articulatória, como: sistemas respiratório, fonador, ressonador e auditivo, com base em anatomia e fisiologia; o alfabeto fonético internacional; os diferentes mecanismos da corrente de ar na produção de sons da fala; o estudo de vogais e semivogais, modos e pontos de articulação de

consoantes, o estado das pregas vocais na produção de sons surdos e sonoros, e o uso de alguns diacríticos. Durante os estudos, além de recursos tecnológicos utilizados, cada participante recebeu um espelho para observar os movimentos musculares e articulatórios na produção de sons, buscando associar, por meio da audição e da visão, as memórias musculares e os gestos articulatórios da fala. De acordo com a teoria VAC (visual, auditivo e tátil), desenvolvida por Fernald e Keller e Orton-Gillingham, pressupõe-se que

A aprendizagem ocorre por meio dos sentidos visual, auditivo e tátil, ou seja, a maioria dos estudantes possuiu um estilo preponderante ou predileto para aprender os conteúdos das mais variadas disciplinas, podendo ainda haver alguns em que há a mistura equilibrada dos três estilos: visual, auditivo e cinestésico (SALDANHA, ZAMPRONI & BATISTA, 2016).

Os participantes desenvolveram o hábito de tocar na laringe para distinguirem a atuação das pregas vocais na produção de sons surdos e sonoros; também passaram por um processo gradativo de aperfeiçoamento da acuidade, ou fineza da percepção de sons fonéticos. Com isso, tomaram segurança e gosto pelo alfabeto fonético, sendo observadas durante as aulas, constantes conferências de sons no alfabeto fonético internacional.

No estudo das vogais foi feita uma atividade em grupo com bastante êxito em que os participantes, de memória, montaram o semitrapézio das vogais do alfabeto fonético internacional considerando os movimentos de língua, mandíbula, lábios e palato na produção de sons vocálicos, e as configurações do trato vocal na realização de ditongos e tritongos. No estudo das consoantes a mesma atividade ocorreu como recurso para memorizar modos e pontos de articulação e o estado das pregas vocais na produção de sons surdos e sons sonoros. As aulas foram gravadas em áudio e vídeo para análises posteriores.

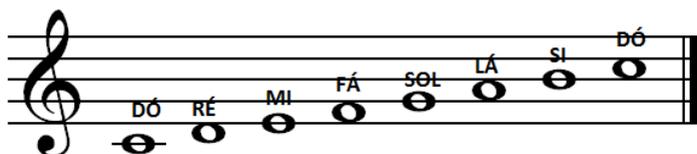
Paralelos ao estudo de fonética foram trabalhados conteúdos pertinentes ao processo de ensino-aprendizagem do canto, como, postura, alongamento, relaxamento corporal, exercícios vocais ou vocalizes, com vogais, ditongos, sílabas. Para melhor consciência do ar e da sustentação da voz falada ou cantada, foram praticados exercícios de respiração vital (natural: inspirar/expirar) e de respiração fônica (consciente: inspirar/sustentar/expirar), soltando o

ar lentamente em [s], [ʃ], [f]). O treinamento da articulação de vogais contou com exercícios a partir do semitrapézio vocálico, cantando vogais orais e nasais, e observando os movimentos articulatórios. O treinamento da articulação de consoantes contou com exercícios cantados com sílabas formadas por consoantes oclusivas, como [p b t d k g], e fricativas, como [f v s z ʃ ʒ x ʎ], acompanhadas de vogais diversas, por serem estas consoantes e vogais responsáveis por algumas das características fonéticas distintivas entre o português brasileiro e o espanhol falado na América Latina.

O material selecionado para este trabalho foi o estudo da escala musical, notas e sons, movimentos ascendentes e descendentes, cujos intervalos ou distância entre os sons (ou notas), fundamentam o que se chama de afinação em Música, como mostra a figura a seguir:

Figura 1 – Escala de Dó Maior grafada na pauta musical

Fonte: elaboração desta autora (2017).



A aplicação prática da escala musical se deu a partir da canção “*Minha Canção*”, parte integrante do musical “*Os saltimbancos*”, de Sérgio Badortti e Luís Enríquez Bacalov, numa tradução e adaptação brasileira de Chico Buarque (1977). Como esta análise tem foco no texto, não apresentamos aqui a partitura musical lida pelos participantes, porém, destacamos o texto com nomes de notas da escala musical, nas formas ascendente e descendente, respectivamente, no tópico seguinte.

“DOrme a cidade, REsta um coração, Misterioso FAz uma ilusão, SOLetra um verso, LAvra a melodia, SIngelamente,

DOlorosamente.

DOce a música, Silenciosa, LArga o meu peito, SOLta-se no espaço, FAz-se certeza Minha canção, RÉstia de luz onde DORme o meu irmão”.

Foram realizadas duas gravações desta canção cujos dados formaram o *corpus* para as análises². Após o estudo do léxico e a contextualização histórica da canção e do compositor Chico Buarque, procedemos à leitura coletiva do texto e a gravação inicial (GI) em áudio, com a pronúncia natural dos participantes, sem influências ou interferências nossas. Em seguida, foi feito estudo detalhado da pronúncia de sons do português brasileiro com vogais, consoantes e semivogais, enfatizando contrastes fonéticos entre português brasileiro e espanhol falado na América Latina (realizada nova gravação para conferência). E por fim, com o uso do piano, deu-se o estudo da canção propriamente, ajustando a afinação vocal dos participantes em cada intervalo musical associando pronúncia, ritmo e melodia. A conclusão dos estudos fonético e musical, proporcionou um exercício de aprendizagem musical (leitura de partitura, ritmo e afinação) e da pronúncia detalhada do português brasileiro. E por fim, procedemos à gravação final (GF) deste estudo que serviu para as análises comparativas em relação ao alfabeto fonético internacional e gravação inicial.

3. Análise, discussão e resultados

As análises foram feitas de oitiva, ou seja, sem o auxílio de recursos tecnológicos, como o aplicativo PRAAT³, pela boa qualidade das gravações. A simplicidade das análises contou com a nossa acuidade auditiva para sons fonéticos.

Os dados da canção foram organizados em quatro linhas paralelas: 1) o texto em português brasileiro; 2) a transcrição fonética conforme o alfabeto fonético internacional e a proposta de pronúncia

² Câmera Sony Cyber-shot DSC-W570, de médio alcance; sala pequena, boa acústica.

³ O PRAAT é um *Software* para Windows utilizado para análise e síntese da fala desenvolvido pelos linguistas Paul Boersma e David Weenink (1995), do Institute of Phonetic Sciences, da Universidade de Amsterdã.

do português brasileiro, considerando o sotaque carioca em relação a róticos; 3) a transcrição fonética da leitura em grupo gravada no início; 4) a transcrição fonética do canto em grupo gravado no final, apresentados a seguir:

	<u>Dorme a cidade</u>	<u>Resta um coração</u>
IPA	[dɔymjadidadʒɪ	xestũkorasẽw̃]
GI	[dormeacidaʒɪ	xestaũkorasaw]
GF	[dormjadidadʒɪ	xestaũkorasẽw̃]

	<u>Misterioso</u>	<u>Faz uma ilusão</u>
IPA	[misteriozʊ	fazũmajluzẽw̃]
GI	[misterioso	fasumajlusaw]
GF	[misteriozʊ	fazũmajluzẽw̃]

	<u>Soletra um verso</u>	<u>Lavra a melodia</u>
IPA	[sɔletrũvɛxsʊ	lavramelodʒi:ªa]
GI	[soletraumversʊ	lavramelodʒi:a]
GF	[sɔletraumversʊ	lavramelodʒi:a]

	<u>Singelamente</u>	<u>Dolorosamente</u>
IPA	[sĩʒɛlamẽtʃɪ	dɔlɔɔzamẽtʒɪ]
GI	[sinjelamentʃɪ	dolorosamentʒɪ]
GF	[sĩʒɛlamẽtʃɪ	dolorozamẽtʒɪ]

	<u>Doce a música</u>	<u>Silenciosa</u>
IPA	[dosiamuzika	silẽsioza]
GI	[doseamuzika	silensiosa]
GF	[dosiamuzika	silẽsioza]

	<u>Larga o meu peito</u>	<u>Solta-se no espaço</u>
IPA	[laygawmewpejtu	sɔwtasɪmwɪspasʊ]
GI	[largawmewpejtu	soltasenoɪspasʊ]
GF	[largawmewpejtu	sɔltasenoɪspasʊ]

	<u>Faz-se certeza</u>	<u>Minha canção,</u>
IPA	[fa:sisexteza	mĩɲakẽsẽw̃]
GI	[faseserteza	mĩɲakansaw]
GF	[fa:siserteza	mĩɲakẽsẽw̃]

	Réstia de luz	onde Dorme o meu irmão
IPA	[xɛstʃjadʒɪlus]	õdʒɪdõɣmjõmewiɣmẽw̃
GI	[xɛstʃjaʒɪlus]	ondʒɪdormemewirmaw]
GF	[xɛstʃjadʒɪlus]	õdʒɪdormjõmewirmẽw̃]

Em seguida, as análises comparativas destas transcrições ocorrem com base num grupo de oito variáveis do português brasileiro em que se identificam diferenças fonéticas entre as duas línguas em questão:

3.1 Abaixamento e alçamento vocálico em vogais médias altas /e/ e /o/

[ɛ] resta, soletra, verso, réstia;

[ɔ] dorme, dolorosamente, silenciosa, solta.

[ɪ] dorme, cidade, singelamente, dolorosamente, doce, se, espaço, onde.

[ʊ] verso, o, peito, no, espaço.

Luciene Bassols Brisolará (2016) afirma que o sistema vocálico espanhol consta de cinco vogais [i e a o u], pronunciadas sem variações (p. 22). Quanto ao português brasileiro, Thais Cristóforo Silva (2010) considera que o sistema vocálico possui sete fonemas orais /i e ɛ a ɔ o u/ (p. 180), podendo ocorrer dois fenômenos fonológicos relacionados às vogais médias altas /e/ e /o/ que podem ser: o alçamento vocálico para [ɪ] e [ʊ] em postônicas finais e pretônicas, entre outras, como em ‘dorme’, ‘verso’, ‘espaço’; ou o abaixamento vocálico para [ɛ] e [ɔ] em alguns casos, podendo provocar alteração semântica nas palavras, como, de verbo para substantivo: ‘solta/solta’, entre outras.

Na gravação inicial, em maioria, observa-se a ausência destes fenômenos. Em detrimento do não abaixamento vocálico apresenta-se apenas uma ocorrência de alteração semântica, em que o verbo ‘s[ɔ]lta’ passa-se ao substantivo ‘s[o]lta’. A ausência de alçamento vocálico não provocou alteração semântica. Certamente, por não ocorrerem no espanhol falado na América Latina, os participantes

não realizaram estes fenômenos. Após estudos detalhados, na gravação final observa-se maior índice destes fenômenos durante o canto: 'dorm[ɪ]', [ɪ]spaç[ʊ]; 's[ɔ]l[ɛ]tra', 'r[ɛ]stia', etc.

3.2 Vogais nasais ou nasalizadas

[ĩ] singelamente, minha.

[ẽ] singelamente, dolorosamente, silenciosa.

[ẽ] coração, ilusão, canção, irmão.

[õ] onde

[ũ] um, uma.

Brisolara (2016, p. 50) considera que o grau de nasalidade em espanhol se faz quase imperceptível em comparação ao português, todavia, se apoia em Quilis (2005) ao afirmar que no espanhol a nasalização aparece em dois casos: quando a vogal está entre duas consoantes nasais na mesma sílaba: 'mundo' ou em sílabas diferentes: 'maña', e antes de consoante nasal: 'antes' (p. 50). Thais Cristófaros Silva (2010) orienta que, no português brasileiro, sons podem ser modificados de acordo com o contexto, como, por exemplo, assimilar a sonoridade ou a nasalidade de outrem (p. 120-125). A assimilação de nasalidade em vogais ocorre quando seguidas por consoantes nasais [m n ɲ ŋ], como em 'um', 'silenciosa', 'minha'.

Na gravação inicial, em maioria, observa-se a ausência de nasalidade na pronúncia dos participantes, inclusive, havendo a articulação das nasais [m n] após as vogais, como: 'singelamente', 'um'. Já na gravação final, observa-se maior consciência dos pontos de nasalidade da língua brasileira: coraç[ẽw], s[ĩ]ngelam[ẽ]nte, [õ]nde, etc.

3.3 Consoantes africadas

[tʃ] singelamente, dolorosamente, réstia.

[dʒ] cidade, melodia, de, onde.

Na gravação inicial, a produção da africada surda [tʃ] não parece problema para os hispanofalantes, tendo em vista esse som fazer parte de sua língua materna, embora com grafia diferente /ch/. A dificuldade se manifesta na produção da africada sonora [dʒ], tendo em vista a variedade deste som na América Latina, que mais soa [ʒ] que [dʒ]. Na gravação final, observa-se pequena mudança na pronúncia desta africada, que parece ainda estranha ao aparelho fonador dos participantes.

3.4 Fricativas pós-alveolares

[ʃ] -

[ʒ] singelamente

Na gravação inicial, fricativas pós-alveolares também se manifestam como ponto de dificuldade na pronúncia. Os argentinos se identificaram com o som [ʃ], bastante utilizado em ocorrências de /ll/ e /y/ em seu país. Porém, os demais participantes sempre trocavam [ʒ] por [x], como, em /j/ ou /ge/, /gi/, da língua materna. Depois, influenciados pelos colegas argentinos, passaram a pronunciar [ʃ], como, em ‘sin[ʃ]elamente’. Na gravação final, esta percepção se apurou e, por fim, todos, mesmo os argentinos, conseguiram pronunciar a fricativa sonora [ʒ], como, em ‘sin[ʒ]elamente’.

3.5 Variações de /r/ considerando a pronúncia carioca

[x] resta, verso, certeza, réstia.

[ʁ] dorme, larga, irmão.

No espanhol falado na América Latina, observa-se a dificuldade dos participantes na pronúncia de /r/ velar, surdo ‘ve[x]so’ e sonoro

'do[y]me', característica fonética do Rio de Janeiro, região do compositor estudado. Apenas os /r/ em início de palavras são pronunciados como velar surdo '[x]esta', '[x]éstia'. Os demais, automaticamente, articulados no modo vibrante, por ser esta uma característica hispânica 'do[r]me', 'ce[r]teza'. Tepes (em contexto intervocálico) não são problemas aqui; vibrantes em encontros consonantais na mesma sílaba também não; porém em sílabas separadas, automaticamente são pronunciadas como vibrante e não como velar, que era a proposta da pronúncia carioca, como, 've[x]so'. Na gravação final, os dados se mantêm como no espanhol falado na América Latina, não ocorrendo mudanças.

3.6 Variações de fricativas alveolares

[s] cidade, resta, coração, soletra, verso, singelamente, doçe, silençiosa, solta-se, espaço, fazz-se, certeza, canção, réstia.

[z] misterioso, fazz uma, iluzão, dolorosamente, música, silençiosa, certeza, luzz onde.

Nesta variável manifesta-se um dos pontos de maior dificuldade na pronúncia de hispanofalantes em relação à língua brasileira, tendo em vista o fenômeno fonológico denominado 'seseo', ocorrente na Hispano-América. O seseo diz respeito à pronúncia de "s", "z" e "c" (ce, ci) como fricativa alveolar surda [s], como em: 'casar', 'zapato', 'graçias', sendo aplicada na maioria dos países hispano-falantes e na América Latina⁴. Luciene Bassols Brisolará (2016, p. 65) aponta que /z/ é um fonema do português, mas não do espanhol, e que este som pode ocorrer quando em posição de coda onde há a letra "s", como, por exemplo, em 'muslo' e 'desde' (mu[z]lo, de[z]de), mas, em posição de ataque, soará [s], como em 'me[s]a', 'ca[s]a[marillas]. Ela confirma /θ/ como um fonema do espanhol (p. 26). Para Thais Cristóforo Silva (2010), no português brasileiro a assimilação de

⁴ *La Lingüística Española*. Disponível em: <<https://sites.google.com/a/geneseo.edu/spanish-linguistics/spanish-phonology/seseo-ceceo-and-distinction>>. Acesso em 30 jul. 2017.

sonoridade de [s] ocorre quando em proximidade a vogais ou consoantes sonoras, em que estas espriam sonoridade à sibilante, que passa a soar [z], em contexto intervocálico, como em ‘silenciosa’ e ‘os óculos’, e quando seguida por consoante sonora, como em ‘mesmo’.

Desta forma, o espanhol falado na América Latina apresenta cem por cento de *seseo* na pronúncia do português brasileiro. Após estudos detalhados deste som, na gravação final observa-se aproximadamente setenta por cento de realização da sonora [z], como em ‘misterio[z]o, ilu[z]ão, fa[z]uma. Todavia, este foi um dos pontos de maior investimento de tempo e exercícios durante os estudos desta canção.

3.7 Fricativa labiodental sonora

[v] verso, layra.

No espanhol falado na América Latina, a tendência para a pronúncia da fricativa labiodental sonora foi a alteração do ponto de articulação para bilabial sonora, característica marcante da língua hispânica, como, [β]erso para [v]erso. O uso do espelho propiciou a melhora esperada na articulação deste som, e assim, na gravação final observa-se maior consciência do ponto de articulação desta consoante, com boa pronúncia no canto em português brasileiro, como, em [v]erso e la[v]ra.

3.8 Vocalização da lateral aproximante /l/ em final de sílaba

[w] solta-se.

No espanhol falado na América Latina, observa-se a prevalência da lateral aproximante /l/ em final de sílaba. Este é fenômeno característico da língua hispânica. Embora o treinamento, na gravação final a vocalização da lateral em português brasileiro so[w]ta-se manteve-se como so[l]ta-se.

4. Considerações finais

E, por fim, observa-se que, em maioria, os hispanofalantes tomaram como recurso a transferência ou interferência linguística, levando para a língua brasileira as características da língua hispânica, conferindo sotaque e estrangeirismo à pronúncia desta canção, tanto na leitura (GI) quanto no canto (GF). Além da Fonética, este estudo também vislumbra o canto como uma ferramenta bastante agradável no aprendizado da pronúncia de línguas. Diante de um discurso pronto, e geralmente atraente, foca-se apenas em aprender a cantar, e como consequência a pronunciar melhor, evidenciando esta exigência estética do canto. Quanto aos objetivos do projeto, ao final, percebeu-se entre os participantes maior companheirismo e segurança nas relações interpessoais, melhor comunicação, e um significativo crescimento da percepção auditiva de sons fonéticos (língua) e de sons musicais (canto), fatos que alimentam nossa defesa pela eficácia destas ferramentas no processo de ensino-aprendizagem da pronúncia de línguas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRISOLARA, Luciene Bassols; SEMINO, Maria Josefina Israel. *Como pronunciar el español? La enseñanza de la fonética y la fonología para brasileños: ejercicios prácticos*. 2. Ed. Campinas: Pontes Editores, 2016.

International Phonetic Alphabet (IPA, 2005). Disponível em: <<https://www.internationalphoneticassociation.org/content/full-ipa-chart>>. Acesso em: 30-07-2017.

LABOUFF, Kathryn. *Singing and Communicating in English: a singer's guide to English diction*. USA: Oxford University Press, 2007.

MONTGOMERY, Cheri. *Lyric Diction Workbook Series*. Nashville: S.T.M. Publishers, 2013.

MORIARTY, John. *Diction: Italian, Latin, French, German...the Sounds and 81 Exercises for Singing Them*. Boston: E.C. Schirmer Music. Co., 1975.

ROCHA, Jeanne Maria Gomes da. *Contribuições da fonética no processo ensino-aprendizagem da pronúncia de línguas no canto*.

2013. Dissertação (Mestrado em Artes/Música), UFU, Uberlândia.
_____. A fonética no processo ensino-aprendizagem da disciplina Dicção em cursos de Canto no Brasil. 37 *Festival de Música da Escola de Música e Artes Cênicas da UFG*, Goiânia, p. 37-43, 2012. Disponível em:
<https://www.emac.ufg.br/up/269/o/Anais_37_Festival_Musica_EMAC.pdf?1358840583>. Acesso em: 30-07-2017.
- SALDANHA, Claudia Camargo; ZAMPRONI, Eliete Cristina Berti; SILVA, Maria de Lourdes Batista da. *Estilos de Aprendizagem*. SEED/PR, 2016. Disponível em:
<http://www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/arquivos/file/sem_pedagogica/julho_2016/dee_anexo1.pdf>. Acesso em: 30-07-2017.
- SILVA, Thais Cristóforo. *Dicionário de Fonética e Fonologia*. São Paulo: Contexto, 2011.
_____. *Fonética e Fonologia do Português: roteiro de estudos e guia de exercícios*. São Paulo: Contexto, 2010.
- SOUZA, Marcela Ortiz Pagoto de. A fonética como importante componente comunicativo para o ensino de língua estrangeira. *Revista Prolíngua*. v. 2, n. 1, p.33-43, jan/jun. 2009.